

ULISSES EM LISBOA

Cândido Lusitano

Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Transcrição e Introdução de Isabel Pinto
Data: Novembro 2014
ISBN: 978-989-98248-3-6

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Faculdade de Ciências Humanas – UCP
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
<http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/>

Cândido Lusitano (pseud. de Francisco José Freire), *Ópera intitulada Ulisses em Lisboa*, cópia de António José de Oliveira, 1782 [BNP, COD. 1379//1].

Disponível, através do Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, em <http://purl.pt/16494/3/#/0>.

SOBRE O TEXTO:

Esta ópera em três actos, e em verso, da autoria do árcade Cândido Lusitano, e cópia autógrafa de António José de Oliveira, copista profissional de textos de teatro, tem a presidir-lhe a circunstância de um festejo real, o nascimento de Dom José (1761-1788), príncipe da Beira e primogénito de Dona Maria I. No mesmo ano do nascimento, ou seja, em 1761, é publicado este texto laudatório, que surge acompanhado por um argumento inicial, omissos na cópia de António José de Oliveira, e por uma licença final. No âmbito do primeiro, são destacadas como fontes históricas da intriga *Monarquia Lusitana*, de Frei Bernardo de Brito, e *Poema de Lisboa*, de Resende. Já a licença é constituída por seis oitavas que enaltecem a importância do feliz nascimento para o futuro da lusitana pátria. Quanto à intriga da ópera, ela recupera o mito da fundação de Lisboa, pondo em primeiro plano a Gorgoris, rei dos lusitanos, também apelado de “O Melícola” por ter iniciado a extracção do mel, circunstância que merece uma cena da ópera, e um conjunto de personagens mitológicas: Aristeu, Ulisses, Calipso, etc. Propondo o heroísmo como panaceia para o mal do (suposto) fraco nascimento do enamorado Tágio, pretendente à mão de Elisa, filha de Gorgoris, o texto acrescenta lustro à história da Lusitânia, pela congregação de esforços heróicos, nomeadamente por parte de Tágio e Ulisses, em torno do estabelecimento de Lisboa. Por outras palavras, à luz deste texto, o nascimento do príncipe Dom José deve ser entendido como a desejada perpetuação do astro luminoso e excepcional que cabe à lusa nação.

CÂNDIDO LUSITANO
(PSEUD. DE FRANCISCO JOSÉ FREIRE)
ÓPERA INTITULADA
ULISSES EM LISBOA
(1782)

ÓPERA INTITULADA *ULISSES EM LISBOA*

INTERLOCUTORES:

GORGORIS, *rei da Lusitânia;*

ARISTEU, *aliás Sicoro, príncipe;*

TÁGIO, *aliás Abides;*

ULISSES, *general grego;*

CALIPSO, *princesa esposa de Sicoro;*

ELISA, *princesa amante de Tágio.*

A cena representa-se em Lisboa.

Copiada aos 8 de Novembro de 1782.

ACTO 1.º [1]

CENA 1.ª

Vasta campanha banhada pelo rio Tejo. Sítio copado de árvores, onde aparecerá ELISA em hábito de caçadora e TÁGIO no de pastor.

ELISA: Adeus, deixa-me, Tágio.

TÁGIO: Em que me julgais réu? Com que te ofendo?

Se foi culpa o querer-te,
queixa-te só de ti, porque és tão bela.

Quem pode haver no mundo que se agrave
por se ver adorada?

Onde o ódio é delito bem se entende
que quem tiver amor em nada ofende.

ELISA: É certo. Mas amar a quem não pode
reconhecer o amor, por mais que o intente,
é querer que, por força,
a quem se mostra amante eu seja ingrata.

E que pena maior dever finezas
quem não pode pagá-las?

Ser impossível toda a recompensa
e receber favor... No meu conceito,
nada mais atribula

um generoso peito. Não ignoras
que, nascendo eu princesa,
tu nasceste um pastor, e desta sorte [1v]

não se pode ajustar na diferença
o gosto ao nascimento. Só te digo
que como o amor ficou na minha escolha
se me ficara o sangue,

se elege-se ou amante ou ser princesa,
deve-me esta fineza, que, constante,
não seria princesa e fora amante.

TÁGIO: Muito vale em ti o sangue, Elisa bela.

Mais vale o teu amor. E se mo negas...

Ah, não advertes que a nobreza adquire
nas acções a grandeza. Em que acção pode
ser mais nobre que o amor? O teu só basta
para fazer-me ilustre. De mim creio
ter maior qualidade.

Do que aos homens parece, tendo a sorte
de ter haver agradado é grande indício
de não ser um pastor qual represento.

Esse real instinto que te anima,
se te move a estimar-me, não duvides
que um espírito heróico
não tem impulsos para vis objectos.

O génio que te guia
ou me supõe ou causa a fidalguia.

Enfim, se um amor grande
supre no amado as faltas de grandeza,
bem podes ser amante e ser princesa.

ELISA: Sim, porém o decoro... o mundo... e agora... [2]

Para que é estar com mais? Deixa-me.

Entende

que te estimo, que te amo, mas da sorte
que se ama um impossível.

TÁGIO: E com essa intenção...

ELISA: Fico inflexível.

TÁGIO: E quando eu melhorasse...

ELISA: Pode ser que a fortuna se mudasse.

TÁGIO: Oh, doces esperanças, mas falíveis.

ELISA: Consola-te que amor vence impossíveis.

ÁRIA

Prossegue, não temas!
Se fino te abrasas,
Cupido tem azar,
bem pode voar.
Quem pena, quem ama
no ardor desta chama
adonde não chega,
se chega a adorar. (Vai-se.)

CENA 2.^a

TÁGIO só.

TÁGIO: Mas que modo achar posso
com que haja de vencer toda a distância
de um príncipe a um pastor? Sinto em meu peito
um generoso ardor que me estimula
para as grandes empresas. Sinto impulsos
de um heróico valor: glória, virtude,
ilustre fama, e mérito sublime [2v]
são os fins a que aspiro, e das riquezas,
tomando o que é preciso,
faço um uso mais nobre, porque as piso.

Se o nascer com tão altos pensamentos
não se julga nobreza; se o ser grande
é nascer dos que o foram, fazer posso
quando a minha ascendência se escureça
que por me haver gerado se enobreça;
ou se não basta para engrandecer-me
a virtude, o valor, a heroicidade,
nobre não quero ser, porque reputo,
não sendo isso nobreza,
que outra qualquer que seja celebrada
ou deve de ser sonho ou não é nada.
Mas seja nada, se é possível, quero-a,
porque se a não consigo,
não consigo o meu bem. Mas de que sorte,
sendo humilde pastor, desfazer posso
o baixo nascimento? Por ventura,
das mais claras famílias não foi nobre
o tronco original? Antes o é tanto
que a glória do solar lhe qualifica.
Pois se o solar ignoro,
ou se a família em mim se não conhece,
eu serei o primeiro que a comece.
Não basta desejá-lo.
Irei verificar meus pensamentos
com dignas obras. Se ao invicto Ulisses, [3]
oferecendo o impulso que me anima,
farei de um rude bacelo da serra
tronco de louros com que assombre a terra.

ÁRIA

Justo amor já que me abrasas,
dá-me alento, dá-me as aras,
neste empenho e neste ardor.

Pois és causa em lance tal
do meu bem e do meu mal;

sê tu guia,

dá-me a via

de lograr tão doce amor.

CENA 3.^a

ULISSES e TÁGIO.

ULISSES: Venturoso pastor, se, porventura...

(Aparte, admirado) Céus que mancebo é este
que todo o ar de Aristeu tem no semblante.

Se de Ulisses o nome tens ouvido,
ou se és daqueles que a Aristeu se agregam
para a nova Lisboa, não recuses
ou seguir-me na empresa ou dar-me ao menos
a conhecer quais são.

TÁGIO: Príncipe invicto,
nova base da glória lusitânia,
que arrastando os troféus da infiel Tróia
por uma capital n' Ásia arruinada,
dás outra ao mundo que em teu nome cresça
para ser de dois mundos a cabeça. [3v]

Se acaso a teus ouvidos
chegou de Tágio o nome celebrado,

nestas margens do Tejo, está a teu lado.
Não posso ter encontro mais ditoso,
Pois, querendo imitar teu génio vasto
nas empresas políticas, e ouvindo
encher-se o mundo do teu nome grande,
quero seguir-te os passos e ainda espero
igualar-te o valor, se na doutrina
me deres tanta glória
que eu chegue a eternizar-te na memória.

ULISSES: São mais que de pastor esses impulsos:
ou és amante ou louco, ou é mais alto
que a tua profissão teu nascimento,
pois te arrojas a tanto.

TÁGIO: Tudo é certo:
se pareço pastor, não tive nunca
menos fidalgo impulso; a natureza
me dita que sou mais; e se me vejo
tentado de outros para acções infames,
dentro em meu coração logo se observa
que há sangue nobre, porque todo ferve.
Sou louco sendo amante.

Mas até nisto ilustre, porque a empresa
não é menos que amar uma princesa.
E como por pastor a não mereço,
já vêes por que endoideço.

ULISSES: E bem, por isso, [4]
empreendes ser herói?

TÁGIO: É justa empresa.

ULISSES: São pastores teus pais?

TÁGIO: Quem são ignoro,
pois quis a Providência que eu nascesse
numa brenha encerrado,
ignorante dos mais quanto ignorado.
Porém, chegando a idade
de mais capacidade, entre os pastores,
aprendia os costumes inocentes.
Vivia livre fatigando as feras,
quando encontro — não sei
se infeliz, se ditoso—¹ uma deidade
que, seguindo uma fera entre os abrolhos,
disparou nela um tiro, e em mim os olhos.
A fera caiu morta, eu morto e vivo,
porque mais não foi nesse, e em continente
vi que atendia para mim piedosa.
Animei-me a falar-lhe,
e não sabendo ao mal que padecia,
ainda o nome de amor ela o sabia.
Naquele sítio ameno
quando saía à caça sempre entrava,
e se me via, nada mais matava.
Mas, ah, triste destino,
durando tanto amor sem ter mudança,
tudo era viva fé, nada esperança. [4v]
A distância da púrpura ao cajado,
pelas leis do decoro,
faz impossível conseguir o efeito
do himeneu suspirado.

¹ Um fragmento de texto entre — corresponde a aparte no meio de fala.

ULISSES: A belo tempo
se ofereceu teu empenho, porque alcanças
fundando os muros de Lisboa augusta
fama igual, nome ilustre e glória justa.
Busca, pois, a Aristeu, e os mais pastores
convocar podes, com o próprio intento.
E quanto ao mais sossega: de hora a hora,
tudo concerta o tempo e Deus melhora.
TÁGIO: Espero conduzir com brevidade
quanto baste a povoar uma cidade. (Vai-se.)

CENA 4.^a

ULISSES e ARISTEU.

ULISSES: Ah, vem amigo. Quanto receava
que fosses em Setúbal conhecido,
sendo nela nascido.
ARISTEU: Não receies,
Porque, enfim, pela idade e pelo gesto,
pelo traje, idioma e circunstâncias
de me julgarem grego e teu parente,
estou tão diferente que, suponho,
que a ninguém lembrarei, nem já por sonho.
ULISSES: Se pais e irmãos tiveres, porventura,
bem podes ir com medo, [5]
que te hão-de conhecer ou tarde ou cedo,
porque, sem saber como, a natureza
é sensível ao sangue. Temerário,
temendo ao rei contrário, apareceste.

E, pois, fias tão pouco do meu peito
que mais me não tens dito em tantos anos
senão que és de Setúbal e que vives
na desgraça de Gorgoris ausente.

E se o recatas comigo até o presente,
como te expões a ser descoberto?

Não sei o que discorra... não, por certo.

ARISTEU: Não te deves queixar: não se descobre
um segredo importante

quando causa não há, porque sem causa
se o chego a revelar, será dizê-lo

por não poder calá-lo. Isto te afirmo
que se chegar aos termos em que deva
descobri-lo a um amigo,

com ninguém me abrirei senão contigo.

Correm três lustros já depois que a pátria
deixei, partindo à Grécia, e guardei sempre
no depósito d'alma

as causas desta ausência; nem me arguas
de expor-me sem recato, outros três lustros
tinha de idade só, mancebo e belo,

tão diferente do que vês agora,
que se eu tornara a ser qual d'antes era, [5v]

tu que mais que ninguém me conheceste
dirias se me visses: «Não é este».

ULISSES: Mas como achaste a corte?

ARISTEU: Alvoraçada.

ULISSES: Sabes a ocasião?

ARISTEU: Com a tua vinda.

ULISSES: Como te ouviu o rei?

ARISTEU: Inquieto o rosto,
Mas não sei se era susto ou se era gosto.
Expus, como enviado e teu parente,
que intentavas fundar no Tejo ameno
uma cidade ilustre. E então, sereno,
«Já tenho», respondeu, «comunicado
as minhas intenções ao grego invicto
por um embaixador. Dir-lhe-ás que faça
um digno uso da minha real graça».
E dizendo-o ausentou-se.

ULISSES: E bem, não sabes
o que me dita o rei? Quer que Calipso
real princesa dê a mão de esposo.

ARISTEU: (Aparte, admirado) Que escuto? A minha esposa?

ULISSES: Não respondes?
Que me aconselhas que resolva nisto?

ARISTEU: (Aparte) Que hei-de eu aconselhar na minha afronta?
Mas Penélope... é tua... E quem segura
que não viva Sicoro?

ULISSES: Eu de Sicoro [6]
até o nome ignoro.

ARISTEU: É este o triste
esposo de Calipso, e mui parente
do rei Gorgoris.

ULISSES: Vive?

ARISTEU: Os seus sucessos
é justo que te conte. Já te eu edisse
que incorrera em desgraça do monarca

por um oculto lance. Hoje te exponho
que, por ser de Sicoro íntimo amigo,
tomei nos seus empenhos tanta parte
como se eu fora o mesmo. Afeiçoou-se
da formosa Calipso em tanto extremo
que, estreitando-se o amor em um puro laço,
se esposou a sobrinha. O rei se ofende,
porque sem o saber se celebrara
o himeneu furtivo. Em breve tempo
um príncipe nasceu; o pai, receoso,
deixando entre saudades a Calipso,
retirou-a da corte, e nos seus braços
levando ao doce filho, infelizmente
foi no mar sepultado.
Eu, havendo escapado a tanta angústia,
seguí as armas de um país estranho,
donde tomando a pátria, te acompanho.
Porém, Gorgoris vem.

CENA 5.^a

GORGORIS e os ditos. [6v]

GORGORIS: Heróis invictos,
se não fora dos céus preconizada
a vossa feliz vinda; se não fora
interesse da pátria o ver no Tejo
os vencedores d' Ásia, o ver cobertos
dos troféus do Oriente os sete montes
a que serve de coroa

a soberba estrutura de Lisboa,
bastara ser o lusitano império
de Ulisses habitado
para ficar na fama eternizado.

ULISSES: Gorgoris generoso,
se nos Campos Elísios dominando,
reges de Setúbal os ditosos netos,
não limites, senhor, o centro augusto
aos lusitanos só. Para servir-te,
para gozar do império soberano
com que manténs a lei, com que à justiça
serves de firme base, admite agora
estes súbditos novos: tens a Ulisses
por humilde vassalo.

GORGORIS: Por meu filho,
pois espero que, esposo de Calipso,
me dês um sucessor ao luso império,
já que o destina o céu. Que me respondes?

ARISTEU: Sei o que há-de custar-lhe a repugnância
a tão alta mercê; devo por ele
responder que o himeneu fica impossível, [7]
pois Penélope vive: é sua esposa,
deve-lhe amor e fé; têm repetidos
penhores da aliança.

GORGORIS: Mas aos deuses
quem pode resistir? Tem declarado
o oráculo de Vénus que se deve
ao reino um sucessor, e que este seja
quem fundar junto ao Tejo uma cidade,

que há-de, por tempos, sustentar o trono
dominante em dois mundos. Pois se os deuses
regem dos fados na constante série
a conexa cadeia, ceda Ulisses
aos arbítrios do céu; ceda ao preceito,
e da bela Penélope esquecido...

ULISSES: Mas esse alto favor, monarca excelso,
deve entender-se reservado a Abides,
ou talvez a Sicoro.

GORGORIS: A Abides como?
E menos a Sicoro, porque é certo
que há longos anos em naufrágio infausto
pereceram no mar.

ULISSES: Mas há suspeitas
de que vivem ocultos.

GORGORIS: Se constara,
nenhum de meu furor vivo escapara.

ARISTEU: Oh, segredo imortal quanto me importas!

GORGORIS: Tens tempo, delibera.
Mas vê, se me não deves obediência, [7v]
que ao céu a deves, e por esta parte,
sem que seja teu rei, posso obrigar-te.

ÁRIA

Se resisto ao céu potente
um terreno dominante,
não se admire se, arrogante,
o vassalo rebelar.
Pois se a Deus que tudo impera

não tributa o digno culto,
autoriza todo o insulto
no que o deve respeitar. (Retira-se.)

CENA 6.^a

ULISSES e ARISTEU.

ULISSES: Quem viu mais fero lance?!

ARISTEU: E que resolves?

ULISSES: Não é caso, Aristeu, que de repente
se possa resolver: lograr esposa
a herdeira de um império, ser monarca
da Lusitânia, prometendo os fados
fundar-se-me em Lisboa um vasto império
e um reino imortal, não me rendera
se Penélope a tudo antepusera.

Porém, ver obstinada
em não se retirar a grega armada,
saber que se ouve do monarca a empresa,
será mais inflexível: que esperança
me deixa de evitar com a fugida
tão cruel embaraço? Depois disto, [8]
ficar e não render-me: árduo sucesso.
E que posso fazer se o rei me obriga?
Fazer-lhe a guerra por querer coroar-me?;
ser inimigo seu só porque intenta
fazer-me seu herdeiro? Quem viu nunca
resistir ao favor, fugir a um ceptro
com mão armada?

ARISTEU: Pois, então, visto isso,
resolves consentir?

ULISSES: Nada resolvo, e falta-me o conselho.
Resolve-o tu por mim. No teu arbítrio,
vendo em tanta implicância a causa posta,
deixo o sucesso, os meios e a resposta.

ÁRIA

Ninguém desditoso
como eu no mundo é:
se o ser venturoso
me dá que sentir,
que alívio me resta,
se tendo ventura,
até sinto que esta
me vem afligir.
De tantos abismos,
de pena tão forte,
talvez nem a morte
me possa remir. (Retira-se.)

CENA 7.^a

ARISTEU só. [8v]

ARISTEU: Há mais desgraças bárbara fortuna
que contra mim dispares? Não bastava
tirar-me a pátria, o filho, a esposa, o ceptro
de um só golpe cruel? Ver-me arrastado,
perdido, exterminado, e por tal forma

que ao maior inimigo que tivera,
se ouvisse a minha história, enternecera,
tantos anos, tão ásperas fadigas,
tantas e tão cruéis calamidades,
já no mar, já na terra,
não me tiraram de uma vez a vida,
ou entre as ondas no naufrágio infausto,
ou do troiano ferro acometido,
ainda estava guardado
para ver tanta afronta! Oh, desgraçado,
que heis-de ver sem remédio a própria esposa
nos braços de um rival, e que hei-de eu mesmo
ou dar ou consentir naquele arbítrio.
Que fareis, infeliz? Mudar terreno
e de novo fugir? Mas não atalho
a afronta com a ausência. Declarar-me
com Ulisses? Que importa? Fica menos
Ulisses no embarço? Antes o ignore
por que menos me afronte. Pois que intento?
Viver e ver, oh, Deus, ver a Calipso
com outro esposo. Só de ouvi-lo tremo.
E que seja um amigo o que me roube
a vida, o coração, a paz... Oh, céus! [9]
Não há-de ser assim: seja um só golpe
o que às minhas desgraças ponha o termo.
Morre infeliz. (Tira a espada, fazendo acção de matar-se quando diz
«Morre».)

CENA 8.^a

ARISTEU e CALIPSO.

CALIPSO: Que intentas, desgraçado? (Saindo Calipso apressada, sustém o braço de Aristeu, que embainha a espada.)

(Aparte) Mas que vejo?

Sicoro! É sonho

ou és...

ARISTEU: (Aparte) Convém ainda ocultar-me.

Erras, senhora.

CALIPSO: Acerta o coração, se erraste a vista.

É possível, esposo... e com a espada...

Como? Que é isto?

ARISTEU: Que ilusão te engana!

Não me creias feliz: o teu esposo
não pode ser tão pouco venturoso.

CALIPSO: Pois quem és?

ARISTEU: Se quiseres ainda mais que no nome de Aristeu
conhecer quem eu seja,
conhecerás no distinto do meu fado
que sou um desgraçado.

CALIPSO: E como intentas
ser teu próprio homicida? Quando possa
amparar-te Calipso, não duvides
que me acharás propícia em qualquer caso.

ARISTEU: Mas, ah, não tem remédio o meu tormento. [9v]
Eu mesmo fui juiz constituído
da minha infeliz sorte: estou perdido.

CALIPSO: (Aparte) Tal modo no falar, pelo semblante,

a Sicoro o não vi mais semelhante.

E que mal pode haver

a que seja impossível o remédio?

ARISTEU: É só o meu, princesa. Conhecido sou entre os gregos pelo parentesco do valeroso Ulisses. Nesta armada, vim por seu companheiro, e quis a sorte que a minha esposa, pela longa ausência, reputando-me morto, elege-se outro esposo; e quando absorto nesta mágoa me via, alcanço a nova que o príncipe, com pena do desterro, quer que, tornando para o solar pátrio, eu mesmo assista, e veja, a minha afronta.

CALIPSO: (Aparte) Ah, infeliz Sicoro, se viveras, até por isso mais te pareceras.

Neste lance, se posso aconselhar-te, como vives distante, facilmente podes viver ausente. Ao teu tomento só pode remediar o esquecimento.

Faze por divertir-te. Por parente de Ulisses, como dizes, também creio que, na sua aliança interessado, do himeneu destinado farás gosto. [10]

ARISTEU: (Aparte) Ah, valor coração, faltava-me este novo lance cruel.

Se as minhas penas me deixaram lugar de ser contente, aplaudira o teu gosto.

CALIPSO: Ah, não é gosto,
é violência, é tormento, é sacrifício
que ao oráculo faço, pois é certo
se o himeneu ou a morte optar pudera...

(Aparte) Tanto me custa do himeneu a sorte
que antes mil vezes elegera a morte.

ARISTEU: (Aparte) Respira um tanto coração aflito.
Tanto te desagrada o novo esposo?

CALIPSO: Não deixo de atender quanto merece
o grego general, mas no meu peito
viva sempre Sicoro, aquele amante
esposo desgraçado.

Dei tanto império no alvedrio próprio;
devi-lhe tanto amor; fui como rendida
aos seus agrados, que em cuidar somente
que outro esposo hei-de ter...

ARISTEU: Senhora,
Talvez... porém... se intento...

(Aparte) Há tormento maior que o meu tormento?!

CALIPSO: Nunca se viu mulher mais desditosa.

ARISTEU: (Aparte) Mais resistir não posso! Mas se a obrigam,
sabendo quem eu sou, terá mais pena. Não me declaro.

Se produz alívio [10v]

achar um companheiro na desgraça,
consola-te comigo; é semelhante
a minha dor à tua: se outro esposo
obrigada recebes, uma esposa
me roubaram também; se teu pai mesmo
te maquina a desgraça, o meu amigo

me ocasiona a ruína.

CALIPSO: Triste alívio!

Pois para me dobrar o mal que eu choro,
na tua sorte finjo a de Sicoro.

ARISTEU: Pois de Sicoro a imagem
de algum modo em mim vês: por essa parte,
se tanto o adoras, podes consolar-te.

E suposto me advertes que é tormento
este do amor que só no esquecimento
remédio pode ter; esquece um tanto
a eficácia da dor, que a tudo o tempo
pode remédio dar.

CALIPSO: Só se me der
o único remédio que é morrer.

ÁRIA

Na pena em que vivo
tão triste lamento
que tudo é tormento,
se a morte não há.
Mas se ela me foge,
talvez que esta vida [11]
se faça a homicida
que a morte me dê. (Vão-se.)

CENA 9.^a

**Jardim ameno. CORO de ninfas colhendo flores, ELISA coroando
delas uma corça. Colmeias, frequentes, espalhadas por todo o espaço
do jardim.**

CORO: Oh, cara liberdade,
Serena, doce paz.

ELISA: Se pode, livre, a fera
amar com fé sincera,
nem como a fera ao menos
serei de amor capaz?

CORO: Oh, cara liberdade,
serena, doce paz.

ELISA: Ah, se eu como tu fora,
Corça feliz agora!
Oh, quanta, quanta inveja
por livre ser me dás.

CORO: Oh, cara liberdade,
serena, doce paz.

ELISA: Mas sou tão desditosa
que, quando tu, amorosa,
procuras quem eu amo,
não vou adonde vás.

CORO: Oh, cara liberdade,
serena, doce paz. [11v]

TÁGIO: Antes, Elisa bela, que me estranhes
o novo traje, quero declarar-te
as mudanças que causa no meu peito
o empenho de te amar.
Se pastor me desprezas, se te afrontas
de me ver nesses prados abatido,
já deixei a fortuna com vestido,
já sou de Ulisses émulo na armada,

edifico Lisboa e cinjo a espada.

Nada me falta, menos o teatro
em que ache o meu valor um campo heróico.

Vê se o traje não mostra
que aquele de pastor me era violento
quanto este natural.

ELISA: (Aparte) Fica um portento!

Mostras qual ser mereces,
mas é preciso ser o que pareces.

TÁGIO: Já vai mostrando o meu heróico estudo,
e se pareço teu, já serei tudo.

ELISA: (Aparte) Se no modo se julga, aquele modo

Nunca foi de Pastor. Tágio adorado,
segue as empresas do heroísmo, que hoje
o mais que dizer posso

é que eu por mim já creio que o teu sangue
é mais augusto do que o mundo entende.

Mas a lei do decoro em que me fundo
ainda pede mais, que o entenda o mundo.

TÁGIO: Se do mundo me queres respeitado, [12]

se me queres temido, deixo à parte
a fama de valor, já conseguido,
seguindo a imitação do duro Marte
no exercício da caça.

Não me quero lembrar, quando valente,
vendo ao leão no monte, o bruto fero
ou fugia do impulso resoluto,
ou, se intrépido, acaso me esperava,
sem mais arma que as mãos o sufocava.

Na luta e na carreira,
a minha palma sempre foi primeira.
Tudo quero esquecer por não lembrar-te
de que já fui pastor; isto só creio
que pode eternizar-me na memória.
Porque deves saber que o grande Ulisses
dos lusitanos que em Lisboa vivem
chefe me declarou... Vê se não basta!
Na cidade do oráculo louvada,
de general servir à lusa gente!
Esta glória excelente, este supremo
bastão que empunho, crês que não me ilustra?
Se ajuntas ao que sou quanto mereço,
vêm os mais acabar onde eu começo.
ELISA: Mais cedo na fortuna que te segue
serás digno de mim. Gosto, prossegue.
TÁGIO: A quanto aspiro teu amor me alenta.

ÁRIA

Sou vapor que da terra elevado [12v]
deixo o sol, deixo o céu encoberto,
longe e perto,
no monte e no prado,
tudo abraço, tudo encho de ardor.
Se da nuvem me vir combatido,
atrevido,
confundo
este mundo
e trovejo qual raio de amor. (Vai-se.)

CENA 10.^a

GORGORIS, ELISA e, depois, ULISSES.

GORGORIS: Filha, quero empenhar-te
por bem da pátria e sucessão do ceptro
a que persuadas ò himeneu ditoso
a tua irmã Calipso. E para firme
conclusão deste empenho, determino
que a Aristeu dê a mão. Por este modo,
sendo parente seu, será mais fácil
conservar neste reino ao forte Ulisses.

ELISA: (Aparte) Que importuna lembrança!

GORGORIS: Não respondes?

Mas vem Ulisses, fique reservado
este negócio.

ELISA: (Aparte) Ai, ainda o quis Deus!

Queira o céu que se esqueça.

GORGORIS: Quis que visses,

neste ameno jardim, famoso Ulisses,

a útil invenção do mel suave. [13]

Não tenho aos deuses da celeste ambrósia,

ou do néctar, inveja: a minha indústria

soube desses insectos milagrosos

aproveitar o mel. Vês que rodeando

vão pelas flores com sussurro brando.

Vês essoutras nos favos ocupadas,

que já entram, já saem das colmeias

de mil delícias cheias? Nisto ocupo
as poucas horas que restam vagas
para o meu desafogo.

ULISSES: Justamente
se afirma que na fértil Lusitânia
são os Campos Elísios. Onde havia
manar para os mortais licor tão suave
senão neste país, adonde alcanço
que as venturosas almas tem descanso?

GORGORIS: Oh, generoso herói, quando movido
do que dizes e vês, te determinas
a fazer-me feliz no himeneu sacro
com a real Calipso? Então, concedo,
se o oráculo dos céus me desempenhas,
que o campo elísio neste império tenhas.

ULISSES: Teus favores, senhor —dissimulemos—
tanto me obrigam já que estou propenso
a cortar toda a dúvida, mas creio
que deve ser a gosto de Calipso.

GORGORIS: Se está nisso, já fica decidido,
que o tem Calipso em mim comprometido. [13v]

ULISSES: O que por ela me estipulas, deve
nascer da inclinação, não do preceito.
Permite que eu mereça que se incline
por livre impulso, que um amor violento
em vez de ser amor, fora tormento.

ÁRIA

Não pode um peito,

se é constringido,
do deus Cupido
sentir o ardor.
Pois todo o impulso
com que suspira
se acaba em ira
nascendo amor.

ACTO 2.º

CENA 1.ª

Gabinete

ARISTEU e TÁGIO.

ARISTEU: Com que Ulisses é certo
que a mão lhe dá de esposo?

TÁGIO: Não duvides, amigo. Hoje a resposta
deu ao rei no jardim.

ARISTEU: (Aparte) Como é possível? E Calipso aceita?

TÁGIO: Isso não se duvida. Toda a corte
dá por feito o himeneu. Já se preparam
magníficos festejos: a nobreza, [14]
o militar, a plebe, o reino todo
à função se dispõem.

ARISTEU: (Aparte) Ah, Calipso infiel!
Ah, falso Ulisses, que a meus olhos mesmo...

TÁGIO: Nada me dizes? Vejo-te inquieto
e imaginando como soçobrado;
parece-me mais pena que cuidado.

ARISTEU: Vai-te importuno, deixa-me.

TÁGIO: Que dizes?

Que agravo te fiz eu?

ARISTEU: (Aparte) Mal fiz em me indignar. Estou sentido de o não saber mais cedo. É bem que faça prevenções em Lisboa e que os festejos com tempo se preparem, nem o estranhes, tendo a incumbência sobre toda a armada, a falta de preparo é-me imputada.

TÁGIO: Pois queres que o disponha?

ARISTEU: Não, primeiro devo falar a Ulisses.

TÁGIO: Mas de longe será bom prevenir-nos...

ARISTEU: (Aparte) Que importuno! Deixa-o no meu cuidado, e tu procura que a fábrica prossiga, pois receio, por antiga experiência, que a obra nos retarde a negligência.

TÁGIO: Não receies, verás o meu cuidado. (Vai-se.) [14v]

CENA 2.^a

ARISTEU e CALIPSO.

ARISTEU: Enfim, Calipso bela, esqueceste a Sicoro. Se eu tivera um instante feliz, ou se em meu peito coubera o gosto ainda do teu gosto, talvez que me alegrara; mas eu, triste, nem sendo ingrata, me esqueci da esposa:

sei que me deixa, que me desmerece,
que a outrem deu a mão, mas não me esquece.

Bem dizias, cruel.

CALIPSO: (Aparte) Cruel me chama!

Isto é mais! Porventura...

ARISTEU: Bem dizias

que é remédio do amor o esquecimento.

CALIPSO: Eu não sei dessa queixa o fundamento.

ARISTEU: Chama-lhe inveja, não lhe chames queixa,

pois te vejo esquecer tão de repente

de um mal que cada vez me é mais presente.

CALIPSO: Mas chamas-me cruel, se eu não te adoro...

ARISTEU: Cruel te chama a imagem de Sicoro.

CALIPSO: Esse, negas que o és...

ARISTEU: Mas se afirmas que o vês, a estar comigo,

supõe que te dissera o que eu te digo.

CALIPSO: Declara-te uma vez que não te entendo.

(Aparte) Não posso crer que o seja; ser parente

de Ulisses... e ser grego... e ter negado...

Não pode ser Sicoro, está assentado. [15]

ARISTEU: Digo que és infiel, que és falsa, ingrata.

CALIPSO: Como te atreves, bárbaro, a dizer-me

tão vis afrontas? Mas o teu castigo...

ARISTEU: Supõe que te diz ele o que eu te digo.

CALIPSO: Porém, se ele não és, como te incumbe

querer vingá-lo?

ARISTEU: Como imagem sua.

CALIPSO: Já parece delírio essa ousadia.

ARISTEU: Não é delírio, pois se em mim contemplas

a verdadeira imagem de Sicoro,
não estranhes, senhora, se te adoro.

CALIPSO: Maior atrevimento! Pois aspiras,
porventura, a querer-me?

ARISTEU: Aspiro, e devo.

Se por ser de Sicoro a semelhança,
te mereci lembrança, nesta ideia
não te admires também que eu corresponda.

Se depois de lembrada te esqueceste,
quanto, então, me obrigaste hoje ofendeste.

CALIPSO: (Aparte) Não sei que sinto em mim: sendo agravada,
quando me vou a irar, fico embaçada
e quase enternecida.

Não atendo,

nem quero responder a um desvario.

Mas por que saibas que conservo o brio,
tem por certo que ao meu defunto esposo
não será sucessor novo consorte,

por mais que se atrevesse a própria morte.

Pode mandar meu pai, devo render-me. [15v]

Mas se insiste na ideia pretendida,
não pode à força conservar-me a vida.

ÁRIA A DUO

CALIPSO: Se amor me conservara
a vida com tanta pena,
mal haja o mesmo amor.

ARISTEU: Talvez ressuscitara,
se ouvisse fé tão plena,

quem causa tanta dor.

CALIPSO: Dize se o és.

ARISTEU: Não sou,
mas sombra que deixou
em mim para te amar.

CALIPSO: Ah, céus, que adonde estou
nem eu chego a alcançar.

AMBOS: Se em tão grande delírio
não mata este martírio
que pena há-de matar. (Vão-se.)

CENA 3.^a

Mutação, Lisboa edificando-se: vêm-se torres e palácios, e outras fábricas começando a levantar-se; ouve-se o estrépito dos artífices que trabalham nos edifícios.

ULISSES e TÁGIO.

ULISSES: Que soberba se eleva
e que agradável a cidade augusta!
Como se vê nas espaçosas ruas [16]
a simetria bela! Os edifícios
aos sete montes como vão subindo.
Que magníficas praças; que altos muros,
os templos, os palácios e os castelos;
não ficam menos sólidos, que belos!
Ao teu semblante génio, amigo Tágio,
se deve grande parte. E bem, já podes
esperar mais progressos: vês que aplaude
teu nome a Lusitânia; os teus projectos,

o séquito que tens, se no reino todo
te fazem reputar por novo abismo,
perto vai, Tágio amigo, do heroísmo.

TÁGIO: Como todo o elogio em ti redundava,
mais o devo estimar.

ULISSES: Contudo, importa
que haja de tua origem
uma exacta notícia. Dos pastores
inquire qualquer leve circunstância
e avisa-me de tudo.

TÁGIO: Tendo feito
inquirição exacta o mais que alcanço
é que três lustros há...

ULISSES: Três lustros dizes?

TÁGIO: Disseram-me que três, desde Liso,
Pastor que junto ao Tejo, então, vivera
catorze léguas deste sítio ameno,
se viu que na cabana me escondia [16v]
e que uma corça de ama me servia.

ULISSES: E não houve pastor que perguntasse
se eras seu filho?

TÁGIO: Dizem que pediu
segredo a todos, quando algum me viu.

ULISSES: Bem, pedia segredo.

E depois o pastor? Morreu?

TÁGIO: Três meses.
Dizem que viveu só; deixou-me exposto
naquela solidão, sem mais amparo,
sem tutor, sem abrigo e sem reparo.

Só a corça, ou piedosa ou costumada,
me alimentava ali.

ULISSES: Porém, não sabes
como, quando ao pastor fostes entregue,
te levaram vestido?

TÁGIO: Até isso, senhor, tenho inquirido:
em mantilhas bordadas de fino oiro,
que podiam passar por um tesouro.
Mal me lembro, mas lembra-me que ainda
lhe vi um resto.

ULISSES: Com que em tais mantilhas!
Bem, três lustros, criando-se em segredo,
mantilhas ricas, tenho visto o enredo;
é fácil de entender.

TÁGIO: Mas que discorres?

ULISSES: O que eu discorro pede mais madura [17]
ponderação do caso; por mim fica
reflectir como devo. Vai por diante,
tem muito ânimo, segue o teu destino
venturoso, se é certo o que imagino.

TÁGIO: Inquirirei o mais como me ordenas.

ULISSES: Vai, suposto que as provas já são plenas.
Porém, vejo a Calipso, e se bem noto,
para aqui se encaminha. Muito importa
fingir que a estimo para ganhar tempo. (Vai-se Tágio.)

CENA 4.^a

ULISSES e CALIPSO.

CALIPSO: (Aparte) Oh, prospere-me o céu no áspero lance
a que me vou expor.

Invicto Ulisses,
se eu pudera esperar que a herói tão grande
correspondesse o meu merecimento,
tinha-me por feliz; teu claro nome
se me enche de respeito, então me enchera
de confiança e de alento; porém, vejo
quanto sou desigual, não ousou pôr-me
ao lado de Penélope divina:

só ajusta a um herói outra heroína.
Porém, querem-no os deuses... Não resisto.
Só quisera, senhor, se te mereço
uma fineza, que ainda dilatasses
o himeneu já disposto.

ULISSES: Não to posso negar, sendo teu gosto.

(Aparte) Finjamos com quem finge.

Mas é certo [17v]
que quem o que deseja mais dilata,
dá tempo a que se perca: tanto gera,
tanto se muda o tempo.

CALIPSO: (Aparte) Oh, Deus te ouvira.

Assim é, mas se os fados
o deixaram disposto, não receies
que se frustrar o sucesso; são eternos
e imóveis os destinos.

ULISSES: Reconheço
que são, bela Calipso, inevitáveis
os decretos do céu, mas de tal sorte

que não são absolutos; sei que podem
mudando as circunstâncias alterar-se.

CALIPSO: Mas não podem os deuses enganar-se.

ULISSES: Enganamo-nos nós, que às vezes cremos
o que mais desejamos.

CALIPSO: Isto é certo,
que a ser do céu instinto, o céu não menos
disporá que em teu peito amor se inflame
e que no meu se ateie. Este motivo
me inspira a dilação: não pode um peito
mover-se de repente; e já compreendes
que, antes do coração afeiçoar-se,
bem se pode fingir, mas não amar-se.

ULISSES: (Aparte) Bem se tem explicado.

Pois, princesa,
a minha fé, o amor e o meu empenho
governa-o pelo teu, porque eu convenho. [18]

ÁRIA

Amor é chama
que donde prende
nunca se acende
sem suspirar.
Se não se assopra
com ânsia o fogo
num ponto logo
se há-de apagar.

CENA 5.^a

GORGORIS e os ditos.

GORGORIS: Oh, quanto me deleita, amados filhos,
o ver que já, com práticas suaves,
tomais posse do amor. Mas é preciso
satisfazer ao público alvoroço
com a brevidade, porque a pátria mesma
pronuba se oferece, e todo o reino
arde em desejos; tenho destinado
o dia de hoje para tanto gosto,
e espero, filhos meus...

CALIPSO: (Aparte) Perdi toda a esperança, agora a Deus.

ULISSES: A prudência, senhor, que nos teus anos
é já maduro fruto, e que eu cultivo
por virtude entre as outras dominante,
pede que num negócio, e tal negócio,
nada se precipite; as conseqüências
devem-se ponderar. Se do naufrágio
evadisse Sicoro? Quererias, [18v]
nos teus últimos dias, que uma guerra,
por fruto do himeneu, fundisse a terra?
Se, por acaso, se educasse oculto
teu neto, Abides, queres que se envolva
a régia sucessão? Os teus vassalos
crês tu que se acomodam à obediência
de um príncipe estrangeiro? Ou me eu engano
ou está bem longe o génio lusitano.
Não são, se pelas longas experiências

me concedes que o julgue, não são estes
aqueles povos que capazes creio
de sofrer muito tempo um jugo alheio.
Nem julgues, alto Gorgoris, que eu nisto
venho a dizer que não: quero com tempo
exame e diligência, e sem instâncias,
ponderar mais de espaço as circunstâncias.
Se for útil ao reino, se ao teu ceptro,
se ao bem da Lusitânia, estou disposto;
no que pode restar me empenha o gosto.

GORGORIS: Atalhado me deixa.

CALIPSO: É tão prudente
o parecer de Ulisses no que observa
como oráculo vivo de Minerva.

GORGORIS: Mas sendo conduzidos
pela voz de um oráculo, não temo
o sucesso infeliz.

ULISSES: Nem eu receara
se o oráculo entendera, mas duvido [19]
se acerto no sentido; é muito escura
sempre do céu a voz: quem te assegura
que outra cidade sobre o Tejo ameno
se não venha a fundar? Ou quem decide
fundando a tanto herói da Grécia ilustre
qual deles possa ser? Posso ser eu,
pode ser Aristeu, pode ser outro...

CALIPSO: (Aparte) Oh, se Aristeu fosse antes!

GORGORIS: Nesses termos
devo condescender, mas por que a sorte

se não frustrar o tempo, ou com a morte,
é razão que a eficácia neste exame
seja maior que a espera.

CALIPSO: É já bem tarde.

GORGORIS: Retiremo-nos, sim. O céu te guarde.

CENA 6.^a

ULISSES só.

ULISSES: Terrível conjunção!
Calipso é bela: temo que seus olhos
me expugnem a constância; um reino tenta,
um real amigo, o povo afeiçoado.
Valha-me o céu, que estou embaraçado.
Assim é que a tibieza com que fala
Calipso a meu respeito bem indica
que tem outro cuidado. Mas se os deuses...
o oráculo... Lisboa... o seu destino...
Que tentação, oh, Deus, quase me inclino...
Ah, Penélope! Ah, fé! Ah, lealdade! [19v]
Oh, virtuosa esposa! Não, não queira
o céu que eu te abandone; veja o mundo
que conservo imortal fidelidade
a uma esposa leal, e que a anteponho
às glórias de Lisboa,
a Calipso, a seu pai, ao ceptro, à coroa.
Mas o rei, desse oráculo movido,
tem-me como cercado. O povo grego
aperta-me que aceite, e tumultua,

porque o interessa como glória sua.
Que poderei fazer? Seja, tentemos
se à sorte algum efeito, um novo arbítrio:
farei que Tágio empreenda declarar-se
por filho de Calipso, e porventura
que não seja ficção a quem repara
no sucesso, na idade e até na cara.

CENA 7.^a

ULISSES e TÁGIO.

TÁGIO: Perdi de todo, Ulisses, a esperança
de ver concorde o povo na cidade.
É das duas nações tanta discórdia
que, a cada instante, com desassossego,
rompe em tumulto, frustra-se o castigo,
despreza-se o temor; a lei sem forças
ultraja a dignidade. Os lusitanos
são ardentes, sinceros, animosos;
os teus destros, agudos, astuciosos,
mas uns e outros tão enfurecidos [20]
com lances repetidos que a atalhá-los
não sinto mais remédio que apartá-los.
A ser por voto meu nova cidade
deve fundar-se à turba lusitana,
porque sendo de gente a cópia imensa,
já não parece fácil que se vença.

ULISSES: (Aparte) Tudo com meus intentos
vai conformando o céu.

Mancebo ilustre,
se por indícios pode concluir-se
uma prova eficaz, sendo veementes
todos em ti concorrem de que foste
de geração mais alta; haver nascido
há três lustros bem claro persuade
que do príncipe Abides tens a idade;
guardar segredo quando foi teu aio
Liso, aquele pastor, bem significa
que eras mais do que filho; que mistério
fizera sendo seu?; ires envolto
em mantilhas preciosas é argumento
de que era superior teu nascimento.

TÁGIO: Mas de quem é que ignoro.

De quem posso eu ser filho?

ULISSES: De Sicoro.

TÁGIO: Neto do rei, portanto.

ULISSES: Justamente.

TÁGIO: Mas como hei-de prová-lo?

ULISSES: Obrando como tal.

TÁGIO: Só por indícios... [20v]

ULISSES: Mais prova te deram meus artifícios.

Com a numerosa plebe que em Lisboa
tumultura c'os gregos, fundar podes
uma cidade sobre o claro tejo.

Quando isto conseguires.

se a Gorgoris, enfim, persuadires
que te respeita o oráculo, já ficas
digno de Elisa e de uma coroa herdeiro,

e tido por Abides verdadeiro.

Mas importa segredo, alma da empresa.

TÁGIO: Sinto, sinto que dentro em meu peito
o que agora discorres como incerto
o coração assalta: diz que é certo.

ÁRIA

Se o leão cruel nascera,
se co' a ovelha se educara,
quanto tem de brava fera
declarara
o seu furor.

Assim, dentro do meu peito,
pelo instinto que me imprime,
já notava, com efeito,
que este espírito sublime
não cabia num pastor.

CENA 8.^a

TÁGIO e ELISA.

ELISA: Ah, Tágio, ah, Tágio amigo, quanto me alegro
de ouvir a glória com que te celebra [21]
a Lusitânia toda. Se há quem negue
que amor é milagroso, oh, quem não creia
que vence os impossíveis, que uns amantes,
com esforço, se arrojam,
se pode ser, além da esfera humana;
ponha os olhos em ti que o desengana.

TÁGIO: Mais que do amor, milagre dos teus olhos
é o que hoje em mim vê; se ver puderas
o centro de meu peito, se escutaras
o que a alma esconde, como te admirara.

ELISA: E que mais posso ver, ou a que *an bello*,
se te vejo meu belo? Se te admiro,
que mais no mundo quero? Oh, que suspiro.

TÁGIO: Não me conheces venerado, Elisa.
Suposto que sou teu, e por tal modo,
que sabendo tanto já, não sabes tudo
quanto tens de hoje em mim puro preceito.
(Aparte) Que hei-de guardar segredo.

ELISA: Não duvido.
Porém, se a tua esfera,
por superior, excede ao meu discurso,
não vence ao meu amor.

TÁGIO: Mas, ah, que importa
que me veja feliz, se se dilata
o doce prazo de lograr-te esposa?

ELISA: É maior impossível, mas confia:
se pudeste vencer toda a distância
de um pastor a um herói, menos te resta [21v]
para um príncipe ser. Amor te ampare.

TÁGIO: Espero que hás-de vê-lo,
Mais que eu fabrique um reino para sê-lo.
E por que saibas de meu génio vasto
os sublimes projectos, tenho intentos,
que me prospera Ulisses,
de uma nova cidade erigir logo,

daqui catorze léguas sobre o Tejo.
O sítio em que te vi por areia elejo;
ali fui educado, ali pretendo
ilustrar o meu berço. Já me seguem
muitos mil lusitanos. Como intento
convidar habitantes,
para habitá-la te convido dantes.

ELISA: Ah, poderoso amor! Quem não se espanta
vendo em tão breve maravilha tanta.

ÁRIA

Se isto pode um fino amante,
se assim vence de repente,
eu não sei que move a gente
para o bélico furor.

Quem intenta ver prostrado
a seus pés o mundo todo,
não peleja desse modo:

largue as armas, tenha amor. (Retira-se Tágio.)

CENA 9.^a

CALIPSO e ELISA.

ELISA: Enfim, Calipso, tem-se dilatado [22]
a função do himeneu, mais do que todos
podiam suspeitar.

CALIPSO: Ah, cara Elisa,
dilatado me dizes? Quem pudera
fazer que nunca fora.

ELISA: Pois, é crível
que não te agrade herói tão memorável,
e mais sendo, sendo do céu preconizado
por digno esposo teu?

CALIPSO: Se viras como
tenho este coração! Cá dentro, amiga,
trago tal tempestade
que não sei como vivo, na verdade.
Desejo obedecer; não posso amar;
faço força à vontade...
Mas o fruto cruel desta violência
em vez de ser de amor, é de impaciência;
sirvo-me da razão, talvez me lembro
da grandeza do esposo; considero
do oráculo celeste
as ditosas promessas; talvez faço
pelo pintar amável. Depois disto,
se o coração combato,
não tiro fruto quanto mais me mato.
Se de amor busco a chama, encontro as cinzas,
as tristes cinzas do infeliz Sicoro.
Nem mais discorro então, mas pasmo e choro,
é terrível paixão esta do amor! [22v]
Se lhe fazem violência,
toma mais forças com a resistência.
E como fio, Elisa,
e fieis sempre de teu peito amado,
todos os meus segredos, direi tudo:
Aristeu...

ELISA: (Aparte) Isso sim, logo eu dizia.

CALIPSO: Não ignoras, cuido eu, que pelo sangue
é parente de Ulisses.

ELISA: Essa fama
corre deles no reino.

CALIPSO: E, na verdade,
se o não ouvisse a todos, eu creeria
que era o mesmo Sicoro, a semelhança...

ELISA: É verdade, tem muita.

CALIPSO: Tem, e tanta
que eu o tive por tal. Desenganei-me.
Mas quando reputei que era Sicoro
como lhe tive logo o justo afecto,
desenganada já, quis retratá-lo
e não pude.

ELISA: Tem ares, com efeito,
e tens desculpa, é certo.

CALIPSO: Não vês, não reparaste naqueles olhos
com um mirar sereno? A boca ao próprio
como ele a tinha, levantando o lábio;
e, sobretudo, a voz: quando se inflama,
quando se ira... E, enfim, quem considera, [23]
é o mesmo, o mesmo ao próprio como ele era.

ELISA: Com que estás pela imagem suspirada.

(Aparte) Declara-te, pois que é?

Estás namorada?

CALIPSO: Mas a quem nele adoro
não é tanto Aristeu como a Sicoro.

ELISA: Aristeu, ou Sicoro, pouco importa

se te ele corresponde, e se te agrada.

Mas cuidado que ele vem, eu me retiro. (Retira-se.)

CENA 10.^a

ARISTEU e CALIPSO.

CALIPSO: Toda a alma tenho à boca, e mal respiro,
não sei se me declare...

ARISTEU: Enfim, os céus,
já mais benignos com os teus extremos,
deram tréguas à dor: já sei que Ulisses
dilata o desposório e delibera
o evitá-lo enfim. Mas, oh, se agora,
pudera, ídolo meu, dizer-te o quanto
eu seria feliz, quando alcançasse
o que Ulisses rejeita! E se em teus olhos
por semelhante ao menos me revera...

CALIPSO: Se te ouvisse, não sei
que diria Sicoro.

ARISTEU: O que eu direi.

CALIPSO: (Aparte) Não era para tanto a semelhança.
Mas dize que és tão próprio
naquele seu agrado soberano
que me deleitas ainda com o engano. [23v]

ARISTEU: Digo, bela Calipso, que te adoro.

CALIPSO: Mas adverte que falas por Sicoro.

ARISTEU: Que em tantos anos de uma longa ausência,
não passava um instante...

CALIPSO: Tantos anos? Que dizes? O outro dia

te vi a vez primeira.

ARISTEU: O que eu dizia,
ouves, então, de mim, não de outro esposo.

CALIPSO: Falando desse modo duvidoso,
um equívoco é fácil.

ARISTEU: Mas tornemos.

CALIPSO: Ai, não, por este modo não falemos.

ARISTEU: Pois, como queres? Que Aristeu te fale,
esquecendo a Sicoro?

CALIPSO: Não me esquece,
pois só porque a memória o reconhece
pelas tuas feições tão figurado
me mereces o agrado.

ARISTEU: Mais me obrigas,
pois se premeias meu leal afecto,
serei o sucessor daquele objecto.

CALIPSO: Ah, deixa-me Aristeu, que mais pretendes?
Se sabes que te estimo, já me ofendes
em querer mais a mim.

ARISTEU: Porém, Ulisses...

CALIPSO: Nesse homem nem me fales.

ARISTEU: Mas a sorte...

CALIPSO: Antes que uma violência, a mesma morte. [24]

ARISTEU: O oráculo, senhora, o real preceito.

CALIPSO: A tudo te respondo com efeito:
se o céu o dispusesse,
não faria que tanto o aborrecesse;
meu pai como no oráculo se engana,
e o natural sentido não acerta,

não tem força o previsto, estou liberta.

No mais vive confiado,
que posto que a ocasião pareça feia,
amor e tempo tudo remedeia.

ÁRIA

Confia, não temas,
alenta, respira,
que amor que me inspira
me faz esperar.
Tão firmes impulsos,
ardor tão activo,
sem grande motivo,
não me há-de o céu dar. (Retira-se)

CENA 11.^a

ARISTEU só.

ARISTEU: Oh, como é certo que do céu dispostas
a glória e pena vêm. Que lhe não deve
quem lhe deve esta esposa? E que firmeza,
que fina lealdade, que constância!
Não, não me ofende se supondo-me outro,
por amante me aceita. Como posso
ter zelos de mim mesmo? Tem desculpa. [24v]
Se pudesse eu viver reproduzido,
houvera-me ofendido... Tanto importa
o lance em que nos vimos. Antes creio
que é culto mais que amor aquele affecto,

reputando-me morto, amar-me oculto...
É certo, é mais que amor, parece culto.
Se amara o bem à vista, amor só fora,
mas a imagem somente, é mais adora,
respeita, sacrifica e dá sinal
do que fizera sendo o original.
Os ditosos trabalhos? Feliz vida
entre tantas fadigas venturosa,
quando cobro outra vez tão digna esposa!
Vive, vive, bela alma, para exemplo
de um coração heróico; o céu te cubra
de bênçãos gloriosas e as estrelas
sirvam de coroa para acções tão belas.

ÁRIA

Não pode ofender-me,
não vem a deixar-me,
quem só por amar-me
se esquece de mim.
Eu fui o culpado
por crer, ignorante,
que, ao ter-me diante,
não fosse isto assim.

CENA 12.^a

GORGORIS e ARISTEU. [25]

GORGORIS: Já não tolero mais tão vil engano.
É possível que Ulisses me despreze

com tanta ingratidão? Depois de dar-lhe
entrada nos meus portões, depois mesmo
de oferecer-lhe a coroa, e convidá-lo
para ser sucessor do lísio ceptro,
repudia o favor? Se mais austero
do meu reino o expelisse, adonde achava
abrigo ou protecção? Sofro que funde
no meu reino um empório; os meus vassallos
sofro que o sirvam todos; nem me ofendo
de que tantos me tenha separado
para findar Lisboa. E depois disto...

(Aparte) Oh, mortal ingrátíssimo!

Que intente
com demora afectada, e vãos pretextos,
fazer de mim ludíbrico!

ARISTEU: Não suponhas
que Ulisses por ingrato, ó rei potente,
resiste aos esponsais. Talvez pretende
que conheças no espírito que o anima
quanto a virtude mais que o ceptro estima.

GORGORIS: Como, a virtude? Que virtude pode
fazer que seja ingrato e que, rebelde,
os oráculos frustre?; que faltando
ao que deve... Porém... saiba que irado
posso mais que benéfico.

ARISTEU: Quiseras
que com Calipso agora desposado [25v]
a deixássei sem causa?

GORGORIS: Pois cabia

essa vileza em pensamento humano?

ARISTEU: À força queres que em Ulisses caiba.

Se a Calipso faltara,
na tua ideia, vil, se condenara,
e faltando a Penélope, não julgas
que com ela o seria? Pois, se promulgas
aquela acção em lísia por baixeza,
também na Grécia sabe que é vileza,
e vileza tão grande...

GORGORIS: Mais não sofro:
avisa a Ulisses que hoje a mão de esposo
ou a Calipso dê ou, sem pretexto,
saia com toda a armada deste estado.

ARISTEU: Mas adverte, senhor...

GORGORIS: Tenho mandado.

ÁRIA

Se benigno me tem conhecido,
tema ver-me de fúria tomado,
que movido
do impulso irritado,
será viva quanto esse favor.
Todo o amor que vivia no peito
faz efeito,
bramando,
raivando, [26]
esse troca num bravo furor.

ACTO 3.º

CENA 1.ª

Campanha como no princípio, banhada do rio Tejo. TÁGIO com séquito de príncipe, ELISA de caçadora.

TÁGIO e ELISA.

TÁGIO: Que venturoso sou, formosa Elisa!

Como eu sou venturoso! Não que estime
mais que o que tinha em mim, todo o aparato
desta grandeza vá: sem ela pude
merecer teus afectos; nem me creio
maior do que antes era. Os meus impulsos,
o generoso ardor que me animava...

Isto sim, isto estimo, isto estimava.

Mas se preciso foi que o mundo visse
que quem os teus afectos merecera
mais digno de ti era, eu sou ditoso,
por ser um teu sobrinho, sendo esposo.

ELISA: Sobrinho? E de que sorte?

TÁGIO: Não sou Tágio,
não sou esse pastor que o monte rude
educou tantos anos, mas não lides
com pensamentos vários: sou Abides.

ELISA: Abides? Que prodígio!

Neto do rei serás? [26v]

TÁGIO: E teu sobrinho.

ELISA: Não acabo de o crer! E em que se funda
tua rara persuasão?

TÁGIO: Se outro não fosse,

eu mesmo fora o próprio fundamento:
na constância, e valor, no régio alento,
que a minha condição toda respira.

E não é grande prova o ver que olhaste
para mim noutro tempo e logo amaste?

Mas, além disto, combinando a idade,
ao que sei dos pastores, justamente;
tenho quinze anos, tempo definido
em que Abides se diz que foi nascido.

Criou-me Liso, de meu pai Sicoro
Pastor, em outro tempo confidente.

(Aparte) Já com isto te dou prova evidente.

Criou-me com recato e tanto medo
que a quem quer que me viu, pediu segredo.

E o ser então segredo, hoje o releva,
pois se vê todo o indício na cautela.

As mantilhas referem os pastores
que eram bordadas de ouro, e que maiores
provas te posso dar de ser nascido
onde fosse de púrpura vestido?

ELISA: E sabes se 'inda existem?

TÁGIO: Ainda espero
que talvez parte delas acharei.

ELISA: Eu hei-de conhecê-las, que as bordei, [27]
tendo oito anos ao menos.

TÁGIO: Depois disto,
quantos viram Sicoro reconhecem
que sou dele um retrato.

ELISA: E com Calipso

não te pareces pouco.

TÁGIO: E à vista disso, quem duvida é louco.

Não o duvida Ulisses; todo o povo
me recebe em Lisboa; os mais prudentes
propendem para crê-lo. Enfim, já tenho
um séquito por mim tão numeroso
que um exército forma na cidade;
de Scalabis que fundo geralmente
me intitulam por príncipe.

ELISA: Porém,
importa ver se Gorgoris recebe
com apreço a notícia.

TÁGIO: Como agora
do oráculo se vê preocupado,
em mim o pode ter verificado.

ELISA: Mas de que sorte em ti?

TÁGIO: Se ao claro fundador de uma cidade
sobre as margens do Tejo se promete
a sucessão do reino, onde mais há-de
convir a sucessão com a cidade?

ELISA: Tantas venturas juntas! Quanto temo
que não tragam desgraças por extremo. [27v]

ÁRIA

Receio ser ditosa
por ver que nesta vida
sempre anda muito unida
a glória com a dor.
Só chego a ver agora

o quanto feliz eras.
Oh, Deus, se ainda puderas
tornar a ser pastor. (Retira-se Tágio.)

CENA 2.^a

GORGORIS, CALIPSO, ELISA e ARISTEU.

GORGORIS: Hoje, filhas queridas, deve Ulisses
já por último prazo responder-me
sobre o sacro himeneu.

E deves tu não menos, Aristeu,
dar a mão, como esposo, a Elisa bela.

ELISA: (Aparte) É tentação de velhos casar tudo.
Se o oráculo, senhor, se não refere
senão para Calipso, se no reino
de mim não pende a paz e a sucessão,
esses novos desvelos por que são?

GORGORIS: Quando por mais não fosse, era somente
por te ver obediente.

ELISA: Se a vontade...

GORGORIS: Não me repugnes mais, tenho ordenado.

CALIPSO: Mas Aristeu, senhor, sei que na pátria
tem outra esposa, que dos caros filhos
lhe incumbe a educação. Podes, acaso, [28]
no oráculo também achar preceitos
com que o violentes?

GORGORIS: Seja, mas de sorte
que ou se ausente ou espose ou espere a morte.
(Aparte) É já muito desprezo!

ARISTEU: Se pretendes

obrigar-me, senhor...

GORGORIS: Eu não te obrigo

a ser esposo seu, mas no meu reino

também mais te não quero.

ARISTEU: Quem viu pena como esta?! O lance fero,

senhor...

GORGORIS: Não ouço mais.

CALIPSO: Vê que os deuses...

GORGORIS: Que te interessa a ti que se despose

Aristeu ou Elisa?

ARISTEU: (Aparte) Outro remédio

mais que fingir não sei, finjamos.

Cedo

ao teu preceito já...

CALIPSO: (Aparte) Mas, céus, que escuto?

Que tão depressa... bárbaro... Que assim

de mim zombasse! Que eu à minha vista

tanto ultraje tolere!

Pois me não importa

assistir de Aristeu aos desposórios.

Dá-me licença. (Quer ir-se.)

GORGORIS: Deixa, não te ausentes,

pois se as bodas consentes, desde logo

no templo de Minerva [28v]

a cerimónia cumpram, que é preciso.

Ulisses, Aristeu, Calipso e Elisa

nele o vou esperar. (Retira-se.)

ELISA: Se desta sorte

a honra, o gosto, a fé se violenta,
se assim se oprime a humana liberdade,
vendo que as vossas leis tanto desfazem,
vossos raios no céu, deuses, que fazem?

ÁRIA

Que bárbaro impulso
meu peito atormenta!
Que bárbara tormenta,
que pena, que horror!
Tirânica empresa
querer que um preceito
me faça no peito
nascer um amor. (Retira-se.)

CENA 3.^a

ARISTEU e CALIPSO.

CALIPSO: Se me vês ainda aqui, bárbaro, e se...

ARISTEU: Mas que pude eu fazer?

CALIPSO: E se te escuto,
não, não, creias que o faço, por que intente
tomar-te zelos; fora sinal esse
de que em meu peito resta algum vestígio
da passada afeição, se afeição deve
chamar-se e não cegueira; que a meus olhos,
bárbaro, te atreveste... Mas eu sou... [29]
Eu a culpada sou, que experimentando
que por mim te esquecias de outra esposa,

esperei mais do que ela ser ditosa.

ARISTEU: Mas se o rei me ordenava que saísse logo dos seus estados...

CALIPSO: Se isso fora, fora fineza, não seria agravo.

ARISTEU: E perdia os teus olhos...

CALIPSO: Mas se a outra deres a mão de esposo, esperar podes que aos meus olhos te vejam!

ARISTEU: Mas, senhora, naquele empenho com que então me via, entendi que o atalhava, se fingia.

CALIPSO: Quem tal finge, por certo mal se explora. Se também o que diz me finge agora...

ARISTEU: E a estar ali Sicoro, que fizera?

CALIPSO: Faria o que já fez, porque morreria.

ARISTEU: Se por me ver fingido te agravaste, querias morto ver-me?

CALIPSO: Antes que falso, e que no empenho doutro amor absorto.

ARISTEU: Pois se 'inda me crês falso, vê-me morto. (Tira a espada, detém-lhe Calipso o braço, e enquanto o fazem, cantam a seguinte.)

ÁRIA

CALIPSO: Mas que fazes tirano?

Suspende o ferro: não. [29v]

ARISTEU: Castigo o meu engano.

Solta-me, ingrata, a mão.

CALIPSO: Nas lágrimas que choro...

ARISTEU: No sangue que derramo...

AMBOS: Por prova de que te amo,
mereça-te o perdão.

CENA 4.^a

CALIPSO, ARISTEU e ULISSES.

ARISTEU: Nunca mais oportuno, ó sábio Ulisses,
o teu encontro foi.

ULISSES: E foi pensado,
porque eu vinha a buscar-te. Enfim, chegamos
o himeneu celebrar, e a corte toda
o espera já no templo.

ARISTEU: Himeneus dizer deves, pois se espera
o de Elisa também.

ULISSES: De Elisa e Tágio?

ARISTEU: Não é Tágio, senhor, quis a desgraça
que o disponham comigo.

ULISSES: (Aparte) Novo enredo!

E desgraça lhe chamas?

ARISTEU: Justamente,
nem pode ser maior do que a presente.

CALIPSO: Não é tempo, Aristeu, desses discursos:
delibrem-se os meios de atalhar-se
tanta violência.

ULISSES: Falta-me o conselho,
a prudência me falta, nem me ocorre [30]
como possa evadir; se acaso frusto
certo arbítrio que tenho meditado,

então não sinto medo: está acabado.

ARISTEU e CALIPSO: Mas que arbítrio?

ULISSES: Também desses discursos

não é agora o tempo: a conduzir-nos

já se dispõe a ilustre comitiva,

partamos. (Aparte) Que remédio!

ARISTEU: Mal a tanto tormento a alma resiste!

ULISSES: Oh, que ponto fatal!

CALIPSO: E que hora tão triste!

ÁRIA

Se me roubas amor fero

quanto espero,

nesta sorte,

sempre a morte

mo dará;

que se, enfim, neste delírio,

nesta frágua,

a dor começa,

minha mágoa,

meu martírio,

mais depressa

acabara. (Retiram-se.)

CENA 5.^a

Grande templo de Minerva. GORGORIS em um trono, assistindo-lhe os grandes.

GORGORIS, ARISTEU, ULISSES, CALIPSO, ELISA. [30v]

GORGORIS: Alta progénie do famoso Tubal,
heróicos lusitanos, que da terra
habitando os limites opulentos,
encheis da vossa fama os elementos.
Não me move a ambição, meu nome claro
não necessita de mais altos timbres
que os que logro em vós mesmos, neste ceptro
tenho a glória maior, só nele fundo
todo o respeito que me rende o mundo.
Mas nada, com efeito, nada tanto
me ocupa o pensamento
como servir as leis do etéreo assento,
e como sabeis todos
que o oráculo de Vénus soberano
por sucessor do reino tem prescrito
ao que nas praias do soberbo Tejo
fundar uma cidade, esse é que elejo:
Ulisses.

ULISSES: (Aparte) Mas, ah, Tágio, que assim tardas!

GORGORIS: Ulisses, esse herói, que de triunfos
cobriu os montes d' Ásia, e que dos deuses,
na firme protecção girando a terra,
oráculo é de paz, raio da guerra.

Este é. (Soam trombetas e estrépito mourista)

Porém, que escuto? Oh, céus! Olá!

Príncipes, guardas, armas, acudamos,
acuda-se ao tumulto. (Levantam-se todos.) [31]

Dentro uns: Viva Abides!

Dentro outros: Viva o príncipe luso, o novo Alcides.

CENA 6.^a

TÁGIO com séquito e os ditos.

TÁGIO: Suspende as armas, Gorgoris invicto,
dá-me breve atenção.

GORGORIS: Mancebo ousado.

TÁGIO: Não te admires, senhor.

GORGORIS: Que impulso te arrojou tão indiscreto?

TÁGIO: Sou Abides, teu neto.

GORGORIS: Que impostura,
que atrevimento, oh, céus, e que loucura
pode haver mais infame! Vai-te indigno,
que se não atendera ao lugar sacro,
agora mesmo castigara o ferro
teu néscio atrevimento.

TÁGIO: Rei augusto,
escuta-me, e condena-me.

GORGORIS: Não devo
um só instante ouvir-te,
aparta-te daqui, bárbaro.

CALIPSO: Escuta-o.

GORGORIS: Mas que lhe hei-de escutar?

ARISTEU: Quando não seja mais que por deixá-lo
confuso co' a razão, deves ouvi-lo.

GORGORIS: Já por si mesmo se declara falso
um desatino tal.

TÁGIO: Pois, escutai-me, [31v]

justos céus, altos deuses, dê-me ouvidos
todo o congresso.

GORGORIS: Levem-no em cadeias
para um cárcere vil.

TÁGIO: Antes que o possas... (Desembainha a espada.)
Esta espada... (Investe ao rei.)

GORGORIS: Atrevido! (Faz acção de desembainhar a espada.)

TÁGIO: Mas, ah, que... (Fica trémulo.)

Que frio gelo me suprime o alento!

Sinto-me, oh deuses, trémulo e confuso,
cai-me o ferro da mão, já vacilante.

Ah, valor que me faltas neste instante! (Atira com a espada.)

GORGORIS: Levem-no preso. (Prendem a Tágio e fogem os do seu séquito.)

CALIPSO: Gorgoris, piedoso,
se a clemência, senhor...

GORGORIS: Como te atreves a pedir-me a graça?

CALIPSO: Corta-me o coração ver a desgraça
daquele miserável.

GORGORIS: Dia infausto!

Em outro dia, príncipes augustos,
faremos a função com menos sustos.

Castigue-se o réu antes.

ARISTEU: Desditoso!

Ária

Bárbaro, tu verás
na fúria do meu peito [32]
que não produz efeito

do sangue a compaixão.
Revolve-se, feroz,
em mim fúria tão nova
que à cólera faz prova:
não és meu filho, não. (Retiram-se.)

CENA 7.^a

ELISA só.

ELISA: Infeliz como fico! Em que desgraça
amor o precipita!

O coração palpita, a voz me falta,
a vista em tenebrosa escuridade,
representa-me em tudo esta impiedade,
esta morte, este horror, este tormento.

Calipso... Ulisses... Ah, foram-se todos.

Tudo me foge, se do meu mal sabe.

Não há quem me socorra, ou quem me acabe.

ÁRIA

Irei... mas onde? Oh, céus!

Fico... mas ai! Que sei

se vivo 'inda acharei

a quem o amor matou!

Ah, ferro... Ah, não... não firas,

detém-te... em mim... só eu,

se amor o cometeu,

só eu a culpada sou. (Vai-se.) [32v]

CENA 8.^a

Sala régia com tribunal. Guardas de estado.

GORGORIS, ULISSES.

GORGORIS: Quero, prudente Ulisses, que comeceis
a tomar logo o peso ao digno ceptro,
de que és o sucessor. Hoje pretendo
ao rebelde punir, e como é justo,
cansado já do peso dos meus anos,
que tenha em quem descansa, em ti desejo
depositar já parte da fadiga.
Assistirás ao juízo: o teu ditame
em tudo seguirei sem mais exame.
Que num pastor, fatal atrevimento,
caiba tal pensamento? Que se atreva,
por ouvir o que o oráculo predisse,
que se atreva a fundar uma cidade,
que príncipe se finja, e que a maldade
a tanto chegue, que se fez patente,
é caso com que pasma toda a gente.
E já muito não era
se rústica a impostura em tudo fora,
tudo cabe num rústico sincero,
ainda sem malícia, eu considero.
Mas fingi-lo de modo
que leva atrás de si ao mundo todo
não parece tão digno de desprezo [33]
como podia crer-se. Nem me espanto
que creiam nele tanto, eu próprio, eu mesmo

tal impressão observo que me causa
que, a não ser tanto nisso interessado,
como sabes, houvera-me enganado.

ULISSES: Mas é preciso ouvir os documentos.

GORGORIS: Não têm nada de sólidos.

ULISSES: Contudo,
o caso é de importância, e se for certo,
tem consequências.

GORGORIS: Como? Ou que certeza?

Se atenho que Sicoro, por desgraça,
Pereceu de um naufrágio; se me consta
que receoso, e vendo-me ofendido,
Abides conduziu na comitiva,
como posso ‘inda crer que Abides viva?

ULISSES: Mas quem sabe, senhor, se do naufrágio
pôde escapar Sicoro...

GORGORIS: E se escapasse,
como é crível que o filho se salvasse,
sendo menino ainda? Bem que certo
que o dolo está patente e descoberto.

CENA 9.^a

GORGORIS, ULISSES, TÁGIO preso e com guardas.

GORGORIS: Que te tentou, mancebo desgraçado,
para emprender tão néscios pensamentos? [33v]
Quanto melhor viveras na fortuna
que herdaste de teus pais! (Aparte) Não sei que sinto
quando a vista lhe ponho.

Quem és, dize,
e quem foram teus pais?

TÁGIO: Se for errada
a voz de ser teu neto, não sei nada.
Só sei que de um pastor fui educado,
com indícios de ser, pelo que exploro,
entregue ao seu cuidado por Sicoro.
Combinando-se o tempo...

GORGORIS: O tempo, a idade,
e qualquer outro indício é débil prova
para empreender-se tanto. Quantos houve
nascido no mesmo ano? Se assim se há-de
reconhecer um príncipe, haveria
cinco ou seis descobertos cada dia.
Não tendo prova firme, em vão me apuras
essas loucas e aéreas conjecturas.

ULISSES: Mas adverte, senhor...

GORGORIS: Só por discursos
não se conclui nada. Não te empenhes,
não é este um negócio em que eu decida
ou de uma possessão ou de uma vida.
Trata-se de um herdeiro do meu trono,
de um pai da pátria, de um monarca. Enfim,
delito tão atroz não fique assim. (Toma uma pena para assinar o decreto.)

[34]

Deve com a morte... Mas lástima tenho. (Suspende.)

E quisera podê-lo, com efeito...

Se a justiça... Porém... Não me resolvo... (Larga a pena.)

Com que sobre tão débil fundamento...

Não merece perdão... Mudo de intento. (Torna a pegar na pena e vai com fúria a escrever.)

Deve morrer, e assim... (Suspende-se.) Mas em que sítio foi educado?

ULISSES: Foi naquele próprio
em que funda a cidade, que suspeito
ser por Vénus no oráculo divino
prognosticada...

GORGORIS: Não, eu não me inclino
a crer essa impostura, mas se quero... (Atira com a pena ao chão.)
Enfim, não posso mais! Se o considero,
não tenho coração; antes de mágoa
se me encham quase à força os olhos de água.
Retirem-no daí, que porventura... (Retiram a Tágio.)
presença do objecto me embarace,
co' a dor que do espectáculo me nasce.

ÁRIA

Mansa ovelha que lá vejo
a encontrar c'o cordeirinho
não lhe nega o seu carinho,
pelo filho lhe lembrar.
Assim eu, quando não creio,
sempre fico enternecido,
porque o certo no fingido [34v]
tem vigor para magoar.

CENA 10.^a

GORGORIS e ULISSES.

ULISSES: Pois que resolves nisto?

GORGORIS: Não posso, não me atrevo, não me animo.

Conheço que é justiça, e se o contemplo,
todo o castigo é pouco para exemplo
em tão grande delito. Se um insulto
de qualidade tal, se não castiga,
nenhum a castigar no mundo obriga.
Mas o insólito afecto que me ocupa
prende-me as mãos de todo.

ULISSES: E que mais claro
desejas conhecer que é do teu sangue
que notando esse impulso que te prende?
Reparo que em matá-lo apenas tocas,
co' a palavra na boca te sufocas.

GORGORIS: Não julgo nisso a prova tão segura.

Sucedo, às vezes, que a presença bela
motiva compaixão, e é mui frequente
mover-se a ela um ânimo clemente.

ULISSES: Contudo, sendo provas repetidas
devem ser atendidas: bem notaste
que levantando o ferro de repente,
ficou suspenso e mudo; de presente,
passa-te o mesmo caso tantas vezes
Se o impulso é natural, nunca desprezes. [35]
O coração é fiel, não sei que instinto
lhe imprime o mesmo sangue, que observado
ou rara vez ou nunca sai frustrado.

GORGORIS: Não sei que determine.

ULISSES: O meu conselho

é que prossigas em notar o impulso
que a natureza te produz no peito,
e por que fosse a prova ‘inda mais clara,
outra coisa intentara.

GORGORIS: Dize-a.

ULISSES: Faze

que a sentença Aristeu lhe pronuncie
à vista de Calipso; e se observares
que a pode proferir, daqui discorre
se o sangue em ti concorre; ao mesmo tempo,
observando a Calipso, tem por certo
que será, se é seu filho descoberto.

ÁRIA

Perde a fera no monte pascendo
ao filhinho; porém, de repente,
mal o sente,
correndo,
lambendo,
toda a prova de amante lhe dá.
Desta sorte, se é mais amorosa,
tu verás pelo amor que lhe assiste
como triste,
penosa, [35v]
chorosa,
alma e vida por ele porá.

CENA 11.^a

GORGORIS, ARISTEU, CALIPSO, e depois TÁGIO e ULISSES.

GORGORIS: Da tua diligência, Aristeu, fio
que ao infame rebelde, a quem condeno,
intimes a sentença.

ARISTEU: Pois eu?

GORGORIS: Sim,
convém ao meu serviço, e por que a pena
não decline aos excelsos da vingança,
a que me move a ofensa, a teu arbítrio,
mas contanto que morra, o mundo deixo.
Olá, traga-se o réu.

Entra TÁGIO preso.

ARISTEU: Mas rei piedoso...

GORGORIS: Por piedade o disponho.

CALIPSO: Senhor, se a um infeliz, se a um desgraçado...

GORGORIS: Coisa tal vil merece-te cuidado?

Não empregues tão mal teu sentimento.

Pronuncia, Aristeu.

ARISTEU: Mas todo tremo,
e sinto no meu peito um tal tumulto
como se eu fora o réu daquele insulto.

Não sei que possa ser!

GORGORIS: Não me obedeces?

ARISTEU: Eu... Se a mim... Mas não posso... [36]

GORGORIS: (Aparte) Ah, tal destino!

ULISSES: Que o fingido Aristeu era Sicoro
há muito que o suspeito, aqui o exploro.

CALIPSO: Gorgoris, rei, senhor, se em teus ouvidos
não dás lugar aos míseros gemidos
de uma mãe infeliz, qu'em querer disse,
e sem saber que o sou, porém não minto.
Porque se o não entendo, ao menos sinto.
Se não acho piedade nos teus olhos,
se não mereço vê-los comovidos,
co' as lágrimas que choro, vê te peço
que aquele réu por filho reconheço;
sinto que aquele seio se revolve,
que o encerrou nove meses;
que todo o coração pulsando afecto,
me diz que é filho meu num terno grito.
E quando a mim de novo mo pergunto,
angústia, mágoa, pena, tudo junto,
numa frase de amor oculta e nova,
dão testemunhas tais que fazem prova.

ÁRIA

Esta chama que me arde no peito,
esta dor que me nasce no interno,
clara ideia do impulso materno
dentro d'alma pulsando me dá.
Cada raio que vibra da cara
me dispara tão súbito fogo
que ferido deste ímpeto, logo
todo o sangue fervendo me está. [36v]

CENA 12.^a

ELISA e os ditos.

ELISA: Gorgoris generoso, se hoje espero
Merecer como filha que acredites
o que sei e o que vi...

GORGORIS: Seria ofensa
supor que te não cresse.

ELISA: Estas mantilhas
te ofereço em documento mais patente:
estas, posto que as vês desfiguradas (mostra as mantilhas),
eu as bordei, eu mesma; envolto nelas
foi por Sicoro entregue ao pastor Liso
o mancebo que vês. Entre os pastores,
a todos é notório; vê se pode
dúvida alguma haver.

GORGORIS: Duvido ainda.
Sicoro, meu irmão, triste lembrança,
que com mágoa recorde, no naufrágio
consta que pereceu, então que meio
não pode persuadir que ao pastor Liso
Abides entregou?

ULISSES: As mantilhas o provam claramente.

ARISTEU: (Aparte) Ah, meu filho, meu, ah, filho!
Isso é evidente.

GORGORIS: Mas a Elisa
vieram logo dar?

ELISA: Buscando, amante,
todos os meios de salvar-lhe a vida,
felizmente as achei. [37]

GORGORIS: Se Sicoro clareza nos deixara,
já se podia crer; sem que a deixasse,
só se ele agora aqui ressuscitasse.
Persuadir-me assim só, não é decoro.

ARISTEU: Senhor, monarca, irmão, eu sou Sicoro.
Tendo Ulisses ao lado há já três lustros,
depois de haver na Grécia militado,
vivi oculto por te haver temido,
busquei a pátria amada.

E a teus pés sacrifico hoje prostrada,
como irmão que mais te ama,
a vida, a honra, a liberdade e a fama.

CALIPSO: Deuses, que escuto? Que impensado gosto!
Ah, que não me enganava o pensamento!

GORGORIS: Príncipe, irmão, amigo, dá-me os braços,
e mil vezes mos dá!

ARISTEU: Teu neto Abides
é o que tens à vista, não duvides.

GORGORIS: Tantos gostos, oh, deuses, juntamente
não cabem na alma.

GORGORIS, ARISTEU, CALIPSO: (Juntamente, em uma voz, a Tágio)
Filho!

ULISSES: Amigo!

ELISA: Esposo!

ABIDES: Graças a amor que alcanço, triunfante,
Esposa, pais e avô no mesmo instante. (Arroja as cadeias.) [37v]

GORGORIS: Por consumir a glória deste dia,
Elisa a Abides dê a mão de esposa,
e dando à pátria sucessão ditosa,
na famosa cidade que edifica
o oráculo, por fim, se verifica.
E tu, não menos generoso, Ulisses,
acrescentando as glórias de Lisboa,
para troféu do amor, um ceptro e coroa,
gozarás, entre louros e proezas,
da formosa Penélope as finezas.

CORO: Outra vez nasça Ulisseia
para glória do rei justo,
pois no luso trono augusto
novo Gorgoris se vê.

FIM

LICENÇA

Paz, Lusitânia, paz, respira, alenta.
Glória, gosto, prazer... Princesa augusta...

Voa, Fama, publica-o, representa,
Conta, canta, celebra a glória justa.
O gosto universal que hoje experimenta
Ásia, América, Europa, África adusta.
Mas que digo? Não sei... De puro gosto,
Nasceu aos vinte um do mês de Agosto.

Mas quem nasceu? Quem és, ó régio herdeiro,
esperança da pátria, alvo ditoso
dos suspiros que dava o reino inteiro?
Quem te hemos de chamar? Dom precioso
da pia mão de Deus; penhor primeiro
do himeneu de Maria venturoso;
Rómulo da nação, nova esperança
de se fazer eterna a Real Bragança.

Logo ao nascer, se o nome se destina,
por carácter da imagem soberana.
Imite o novo príncipe a divisa,
não tenha espaço na expressão humana.
Se o que dela se espera se combina,
se o anúncio feliz o nome explana,
fique sem nome; quando se nomeia
‘inda ao nome maior sobeja ideia.

Sicoros, Lusos, Gorgores, Abides,
e qualquer chefe da nação mais nobre,
o romano Sertório, o grego Alcides,
co’ a glória deste herói tudo se encobre,

tudo perde o esplendor: tu só resides
no coração da pátria; em ti descobre
que o subterrâneo trémulo era emblema
de fazeres que o mundo de ti trema.

E se pode, senhor, se o mortal pode
o futuro antever que a ideia excede,
vendo que o céu benigno nos acode,
que sois aquele dom que o reino pede,
por mais que da desgraça o giro rode,
a mesma desventura o gosto mede.
Se sois consolação que o céu ordena,
sereis tão grande como a nossa pena.

Vereis quando brilhar na vossa esfera
aquela luz que a infância envolve agora;
vereis Lisboa que por vós espera
para tornar a ser qual antes fora.
Ela cresce convosco, o céu prospera
a nova fundação por que se explora,
que renasce na glória deste dia
nova base da lusa monarquia.

FIM